



# Seamus Murphy deu a volta ao mundo com PJ Harvey

**Documentário**  
Rodrigo Nogueira

O fotógrafo irlandês realizou *A Dog Called Money*, que acompanha a gravação de um álbum da cantora-compositora

Seamus Murphy não se identificaria como fã da música de PJ Harvey. Ela acha piada a isso, garante o fotógrafo de origem irlandesa ao telefone com o PÚBLICO a partir de Londres. Ainda assim, os dois são colaboradores desde que, em 2008, ela viu uma exposição de trabalhos feitos por ele no Afeganistão e o convidou para trabalharem juntos. Na altura, ele “só tinha ouvido falar nela, não conhecia a música” que Harvey fazia, e começou a fazer curtas-metragens para ela, tornando-se pela primeira vez realizador. Com o tempo, diz, tornaram-se amigos. Em 2011, ele realizou o complemento visual do disco *Let England Shake*, e continuaram a colaboração com *The Hope Six Demolition Project*, saído em 2016.

O processo de escrita desse álbum partiu de uma série de viagens que os dois fizeram juntos ao Kosovo, Afeganistão e Washington, D.C., nos Estados Unidos, zonas por onde Seamus passou como fotojornalista. O facto de Murphy não ser um fã acérrimo de Harvey ajudou, conta, já que a cantora-compositora britânica “não gostaria de estar a viajar com alguém que fosse um grande fã”. O realizador registou as viagens e, posteriormente, o processo de gravação do disco, aberto ao público como parte de uma instalação de arte, na Somerset House, em Londres. Essas viagens deram origem ao documentário *A Dog Called Money*, que vai buscar o nome a uma das canções do disco e marca a estreia do fotógrafo nas longas-metragens. Como parte da edição deste ano do Lisbon & Sintra Film Festival, o filme será apresentado pelo próprio Murphy hoje, às 18h, no Centro Cultural Olga Cadaval, em Sintra, e amanhã, às 14h30, no Espaço Nimas, em Lisboa.

É, nas palavras do autor, um filme “sobre a colaboração, sobre a feitura do álbum, os sítios a fomos, as pessoas que conhecemos, sobre muitas coisas, demasiadas coisas”. Foi difícil saber o que manter e deitar fora.



**Afeganistão, Kosovo e Washington DC: 90 minutos com PJ Harvey**

Podia ter-se focado apenas na gravação, mas não queria perder as histórias e as pessoas que inspiraram as canções, considerando que seria “uma pena e uma vergonha não dar uma cara ao projecto e ao processo”. “A versão original tinha três horas e meia”, confessa, e tentou reduzir isso para 90 minutos. “Era a minha primeira longa, avisaram-me de que isso seria esticar um bocadinho a corda”, ironiza. “Será que conseguimos chegar a um bom equilíbrio? Quem raio sabe?”, pergunta. Num festival, partilha, alguém comentou com ele que “cada bocadinho podia ter dado o seu próprio filme”. “Acho que é o fotógrafo em mim, num só *frame* podes tentar captar o mundo todo. Talvez seja demasiado rico para algumas pessoas, mas eu queria literalmente encher o filme de humanidade”, sustenta.

## Andar pela vida das pessoas

Apesar da narração de Harvey, que funciona como um diário de viagem, Murphy explica que esta “não teve verdadeiro poder de decisão no filme”, nem esteve “envolvida na montagem”, nessa escolha do que ia ou não para o produto final. Afinal, menciona, ele também não lhe deu dicas sobre o álbum. “Ela estava a escrever e a começar a olhar sobre o mundo exterior, antes estava a focar-se nela própria, nos sentimentos dela e agora queria olhar para fora, não sei se ela tinha feito muito disso antes do *Let England Shake*, que era um álbum conceptual sobre a Primeira Grande

Guerra, a história, o império, a guerra, os males da sociedade”, comenta o realizador, admitindo que poderá estar errado, já que, na sua qualidade de não-fã, não conhece “assim tanto a música dela”.

Segundo Murphy, PJ Harvey “não tinha necessariamente de viajar comigo para escrever canções, mas fê-lo. Ela queria testemunhar o que tinha acontecido e falar com pessoas, ao invés de ficar sentada em Londres a escrever com base em notícias”. É, necessariamente, um olhar de fora, de dois ingleses bem na vida a verem pessoas assoladas por guerra e pobreza. “Estávamos muito conscientes disso”, declara, dando o exemplo de um momento em que a cantora-compositora menciona os sapatos caros que está a usar. E pergunta se alguém teria escrito sobre as pessoas que ambos retratam se não fossem eles. “Vou a estes sítios a toda a hora, desde 1994 que visito o Afeganistão, e então tínhamos consciência de que estávamos a andar pela vida destas pessoas. Mas o que é que se pode fazer? Não fazer nada não vá alguém acusar-te de seres indulgente? Não creio que seja esse o caso”, defende. “Não vou deixar de fazer algo que vale a pena e é um projecto interessante. Acho que isto trouxe o Afeganistão a muitas pessoas que normalmente não iriam querer saber ou ler sobre ele, gente que tem a opinião de que aquilo é só guerra, quando há por lá músicos e coisas muito bonitas a passarem-se.”